

QUEM DECRETA LUTO PELAS CRIANÇAS ASSASSINADAS ?

Alguns fatos das últimas semanas levam o cristão a refletir: Há dias, morreu o ex-presidente Truman, aquele das bombas atômicas em cima de cidades japonesas. O presidente Nixon decretou luto oficial para todos os Estados Unidos. Truman morreu de velho, como o povo costuma dizer. Viveu todos os anos de sua vida, sem faltar nenhum. Teve infância, adolescência, mocidade, idade adulta e velhice. Não lhe foi arrancada nenhuma chance destas que a vida dá aos mais sortudos dos seus filhos. Fechou naturalmente a última página do seu livro e foi levado a prestar conta dos seus atos. Disso nem os mais sortudos escapam.

O mesmo homem que decreta tristeza e luto nacional pela morte de um velho senhor (que Deus lhe perdoe os pecados) manda, todos os dias, milhares de aviões, com milhares de toneladas de bombas, matar milhares de homens, mulheres e crianças, num miserável paisinho perdido nos confins do mundo. Por que as crianças assassinadas não viveram? Deus decretou assim? Vamos tirar Deus desta blasfêmia pelo menos por medo de um raio. Quem decreta luto oficial pelas crianças que não viveram, porque foram torradas com napalm? O resto de consciência boa da humanidade talvez.

Governos de países civilizados e grandes órgãos da imprensa mundial, inclusive americana, protestaram contra o genocídio e compararam os bombardeios no Vietnã aos piores dias de Hitler. Num destes jornais vinha a expressão de estranheza ante o silêncio da igreja americana oficial frente a tais crimes que bradam aos céus. Pelo que leio e escuto, os capelães militares acompanham as tropas americanas no Vietnã e lá são celebrados ofícios religiosos, administra-se o sacramento dos enfermos e semi-cadáveres espedaçados; semi-cadáveres americanos, bem entendido, porque os outros são o inimigo. Aquele inimigo de que fala o evangelho.

Difícilmente consigo aceitar que o que o Cristo do evangelho esteja querendo da sua igreja, naquela conjuntura, seja a instituição de capelães militares. Difícilmente consigo acreditar que o "sacramento", isto é: o fato extremo que produz a amizade de Deus, sejam missas em campos de ódio. Sinto mais vontade de acreditar que o que o Cristo do evangelho está querendo é muito mais o "sacramento" da coerência, que eventualmente assume a forma de protesto veemente. Creio que a "administração" não acovardada da coerência com o evangelho de Jesus Cristo seria mais apta a produzir "filhos de Deus" do que o pão, o vinho e o óleo, na hora errada.

A FOLHA

ANO I - Nova Iguaçu, 21 de Janeiro de 1973 - N.º 33

O Dízimo Veio Para Ficar

"Pelo Decreto 1/72, começou no dia 1.º de janeiro a vigorar em toda a diocese de Nova Iguaçu o sistema de dízimo. Convém lembrar que as normas diocesanas se basearam rigorosamente nas respostas que com toda liberdade foram dadas pelos presbíteros ao questionário especial. Só foram aproveitadas as respostas que conseguiram ou maioria absoluta ou maioria de dois terços. Duas respostas que obtiveram quase a maioria absoluta, sem atingi-la, foram rejeitadas no decreto.

A motivação para o dízimo foi feita no decorrer dos últimos anos. Várias paróquias já o tinham introduzido experimentalmente. Procurou-se em todos os aspectos atender à nossa situação concreta. Deu-se, a pedido da maioria, um período de seis meses para a motivação do povo e para a organização do sistema, o que naturalmente valerá no futuro, pois o sistema do dízimo exige uma educação contínua dos fiéis para a sua co-responsabilidade na comunidade da Igreja. Lembramos que valem como princípios fundamentais:

1. O sistema se baseia na co-responsabilidade livre e espontânea dos cristãos.
2. O sistema supõe um esforço constante de educação e conscientização dos cristãos para suas responsabilidades comunitárias.
3. O sistema desvincula todo ato de culto de qualquer contribuição obrigatória.
4. O sistema rejeita qualquer tipo de favor ou privilégio para os contribuintes.
5. O sistema supõe e exige a ativação de outras fontes subsidiárias que sem qualquer aspecto de oposição ao evangelho, como deve ser vivido hoje, e sem qualquer sombra de mitização, dos elementos humanos da Igreja, como ela se encarna na sociedade contemporânea com plena fidelidade a Jesus Cristo, carreguem para a pastoral os recursos de que ela deve dispor para implantar e desenvolver os serviços, bem como para manter os agentes de pastoral.

O Conselho Presbiteral, como representação do presbitério, está atento para que o sistema funcione na diocese, apesar das dificuldades inerentes a toda mudança em profundidade e para que as possíveis distorções e fracassos na implantação sejam corrigidas a tempo. Devemos todos confiar que um sistema que procura corresponder melhor ao evangelho e, por isto, corrigir vários erros graves, conte com a graça de Deus e com a nossa disponibilidade corajosa de servir.

Catedral de St. Antônio, 17 de dezembro de 1972.

Adriano Hypolito, bispo diocesano.

Arthur Hartmann, vigário geral

João de Nijs, coordenador da pastoral.

Manoel Monteiro Carneiro, chanceler.

O PADRE DEVE TRABALHAR?

Sobre a possibilidade atual de o padre exercer outra profissão, o nosso bispo diocesano, Dom Adriano Hypolito, publicou uma reflexão no Boletim Diocesano da qual transcrevemos alguns trechos; a pergunta é a seguinte:

"O padre deve trabalhar? A pergunta é ambígua. Pode ser entendida como desprezo do ministério sacerdotal que, para certas pessoas, não é trabalho mas ociosidade ainda quando o padre consagra todo o seu tempo à pastoral. Melhor seria perguntar: O padre deve profissionalizar-se? Quer dizer: O padre, além do seu ministério, deve exercer outra atividade para manter-se, para dar testemunho, para preencher o tempo ocioso?...

Há situações sociais que não permitem uma doação integral, pelo menos no sentido da pastoral externa. Temos em nossa diocese várias paróquias em que as atividades ministeriais durante a semana são de tal modo rarefeitas — a luta pela vida tange de casa homens e mulheres, muitas vezes até mesmo crianças — que sobra tempo ao padre. Nesse caso não se justifica um plantão ou doação integral. Ou temos de descobrir novas formas de pastoral, o que até agora não conseguimos?

Havendo "capacidade ociosa", parece óbvio que o padre pode e deve se dedicar a alguma atividade/trabalho/profissão que lhe permita evitar a ociosidade e portanto o desgaste de sua personalidade sacerdotal e cristã e talvez também prover a sua manutenção, ao menos parcial. Isto repugna a muita a muita gente. Por que? Talvez porque, sem consideração da realidade concreta, como conhecemos da história e da vida cotidiana, imaginam possível viver em plenitude o ideal sacerdotal que por vezes mitizam.

A mitização, e por isto também a deturpação, do sacerdócio cristão tem sido uma tentação constante na vida da Igreja, tanto quanto ou mais do que a tentativa de esvaziá-lo do seu conteúdo especificamente evangélico que é bem diverso do sacerdócio místico das religiões pagãs e do sacerdócio cultural do Antigo Testamento. Examinando objetivamente os dados da história e da vida cotidiana, parece que não repugna admitir que seria um desastre não preencher a "capacidade ociosa" do ministério sacerdotal.

Imaginemos aquelas paróquias rurais, que em certas áreas inclusive da Europa ainda existem, nas quais após os atos rotineiros da pastoral — celebração da Eucaristia, catequese, aulas de religião, visitas aos doentes, reuniões etc. — o vigário verifica que ainda tem tempo: dedica-se então à jardinagem, à agricultura, à apicultura, à elaboração de monografias ou de trabalhos científicos, à filatelia e a outros "hobbies", às vezes por dinheiro, às vezes para encher o tempo (não falo nos casos de ociosidade cultivada!).

Que mal haveria nisto? Obras literárias, não muito antigas viam até nessas atividades do pároco um como idílio, capaz de atrair vocações para o sacerdócio. Se esta atividade que vem preencher a "capacidade ociosa" do padre é um "hobby" ou uma profissão, isto em si é secundário, desde que (se fosse possível estabelecer alguns critérios) 1. Não ocupe senão a "capacidade ociosa" do padre; 2. Seja digna de um cristão; 3. Não escandalize a comunidade; 4. Possa importar num testemunho de Jesus Cristo pela honestidade, verdade, justiça, espírito de fraternidade, otimismo, capacidade de serviço com que é praticada".

IMAGEM DO MITO

1 Nossa fantasia criadora: mitos e mitos e mitos. Tentamos mitizar tudo. Inclusive Deus. O ano que passou é mito do mal: ano sofrimento, ano pesadelo, ano de mediunidade negativa, com maléfico influxo sobre a carne e a gasolina, achando os mínimos salários da extrema necessidade, ano de "Inferno Zodiacal" (segundo um mestre de ciências mais que duvidosas). A esse mito infernal cantropõe-se o mito do ano novo: ano criança, ano sorriso, ano esperança, ano paz, ano PNB milagrosamente produzido, ano apenas paz e amor. Ah!

2 E daí? Prá lá de certo, ó zê-dasilva, tu és o único animal capaz de se iludir. Teu viralata não se ilude. Prá ele tudo é certo: é certa a carne, é certo o osso, é certo o carinho. Cachorro apanha, sim, leva um pontapé do dono neurótico que acordou calmo, mas não se ilude: ao primeiro estalar de dedos, fustiga a balança o rabo, eriça as oíças e lambe o pé que o magoou. Agora tu, ó meu distinto, e eu, e eles, a gente é tarado por frustração. Fugimos do certo-certo. E sempre de novo partimos para a ignorância e para o sonho.

3 Ail Homúnculo é o ser que se ilude. Danado prá gostar de mitos. "Quer ver?" pergunta irritado tio Janjão, o censor. "Aí tem você essa cambada imponderável de profetas e gurus, mestres de nada, professores de vácuos, adivinhos de zeros, deitando falação prá multidão de patetas de todas as condições sociais, principalmente da classe A, sim, da classe A! Que é que anunciam? Auras favoráveis e amores, sucessos e amores, otimismo e amores, negócios e amores, amores, amores. Entra na canoa, desgraçado. Entra na canoa furadal" (A.H)

A Felicidade Nacional Bruta

"Será que já se pode fazer o cálculo do preço do meio ambiente? Será que se pode determinar o preço dos bens naturais como a água, o ar, os espaços verdes que não são levados em consideração pelas autoridades, mas que são cada vez mais valorizados? Um seminário realizado em Paris, no último dia 14, pela Associação Francesa para a Defesa do Meio Ambiente, não respondeu a essas questões, mas possibilitou que elas fossem colocadas de uma maneira diferente.

Um dos participantes do seminário pediu que fosse definido o conceito de Produto Nacional Bruto — PNB — para

que se levasse em conta a qualidade de vida, uma vez que "as amenidades ambientais são raras e úteis ao homem e são portanto bens econômicos". Qualidade de vida é um conceito que se distingue de nível de vida, pois segundo a nova corrente de economistas, sociólogos, ecologistas etc. que ganha força na Europa e nos Estados Unidos, apesar de nos países desenvolvidos ter-se chegado a um nível de vida razoável, a qualidade de vida não está neste mesmo nível.

O problema é colocado mais ou menos nestes termos: o crescimento econômico, como é encarado tradicionalmente, deve ser medido também levando-se em conta o custo da deterioração do meio ambiente, dos espaços verdes, enfim da natureza, coisas que diminuem a qualidade de vida da população. Em suma, o famoso Produto Nacional Bruto — que mede o crescimento econômico tradicional — deveria ser substituído pela felicidade Nacional Bruta, que mediria todos os fatores que interferem na qualidade de vida da população.

E no seminário de Paris foi encaminhada uma proposta que, se colocada em prática, permitiria identificar os prejuízos que a civilização industrial trouxe ao homem e medir as satisfações individuais que o homem retira de um meio ambiente agradável. Eles acreditam que é possível isolar ramos da indústria que trazem prejuízos ao ambiente e os que funcionam para cobrir os custos deste prejuízo. Por exemplo a indústria automobilística polui o ar e os serviços de saúde se encarregam de tratar os casos de bronquite ou câncer, resultantes desta poluição. Estes cálculos seriam tarefa difícil mas, segundo se sustentou, é necessário que se comece a realizá-los.

Outro participante do seminário de Paris defendeu que é possível dispor-se de estatísticas simples para por em prática uma política do meio ambiente, desde que certas informações não sejam retidas pelos governos. Ele tomou o caso da indústria automobilística para mostrar certas relações simples que podem ser feitas: "se a indústria automobilística produziu 1.300.000 veículos em 1971 representando 23 bilhões de francos, os acidentes de estrada e a poluição gerada pelos automóveis custaram durante esse ano, 11 bilhões de francos à economia francesa".

A reportagem acima, publicada pelo semanário OPINIÃO, é também para a reflexão do cristão consciente. Parece inevitável que o ser humano, para onde quer que se debata, sempre termina dando de cara com o seu destino eterno. Todos os mitos de progresso sem fim estão começando a ficar furados. As nações avançadas já estão considerando o progresso desenfreado como o maior flagelo. Ganha-se a técnica, perde-se a "alma". Cresce o conforto, diminui a felicidade. E continua o homem a sua odisséia de procura da felicidade que termina

sendo o encontro consigo mesmo e com os outros. Devia estar pensando exatamente nisso o apóstolo Paulo, quando escreveu a epístola de hoje: Não adianta valorizar demais todos os PNB, pois as coisas exteriores a nós são passageiras.

POR QUE A PAZ É APENAS POSSÍVEL?

A FOLHA: O slogan do Dia Mundial de Orações pela Paz é o seguinte: "A Paz é possível". O sr. está de acordo?

D. ADRIANO: Estou. Acho que a paz é possível. Agora que é difícil, é. E muito. Se folheamos um compêndio de História, Universal ou do Brasil, verificamos que as guerras e movimentos armados ocupam a maioria das páginas. Verificamos também que os historiadores dos compêndios tem sempre uma acentuada preocupação patriótica. A História é manipulada, ainda que com boas intenções, para formar consciência nacional e educar o patriotismo. Assim se vão perpetuando ódio, vingança, agressividade, como húmos do nacionalismo. Se arrancermos dos manuais essas páginas sangrentas, pouco sobra. Quer dizer: sobra pouco, se continuarmos com esse tipo de história.

Creio que haveria muito para escrever, desde que se escrevesse de fato História da Civilização e História da Cultura, nas quais os acontecimentos bélicos tivessem modesta colocação, sempre no contexto geral do mundo e dos povos. Chegaremos ainda a esse tipo de historiografia? Teremos coragem de reduzir as proporções dos chamados heróis nacionais que cresceram no campo de batalha? Teremos de esperar ainda muitas gerações para que os efeitos dessa mentalidade anticristã sejam atenuados? Retomo a pergunta e repito que a paz é possível mas em pequenas dosagens.

Os povos não aprenderam as lições tremendas dos dois grandes conflitos mundiais (1914-1918 e 1939-1945). As grandes nações não renunciaram aos seus impulsos de conquista. Modificaram o comportamento externo. Evitam a guerra franca. Preferem fomentá-la no Terceiro Mundo sob os mais diversos pretextos. Vietname, Oriente Próximo, Paquistão Oriental, Biafra, Burundi etc. etc. tudo isso mostra que a paz continua apenas sendo possível ou apenas como tema de intermináveis discussões. Por detrás do pano há outros interesses. Leia no Jornal do Brasil (29-12-72): "As 14 superfortalezas voadoras B-52 abatidas pelas baterias antiaéreas de Hanoi, entre 18 e 28 de dezembro, custaram aos Estados Unidos cerca de 150 milhões de dólares (Cr\$ 930. milhões)..."

Segundo o Vietname do Norte, foram lançadas em 10 dias, 50 mil toneladas de bombas sobre o seu território... Aí está: produção de superfortalezas, de bombas potentes, de baterias antiaéreas, de armas requintadas, de munições, a indústria da destruição em plena atividade não pode parar. Já pensou nos milhares de operários e de famílias sem trabalho e sem pão? Na Rússia e nos Estados Unidos, na França e na Inglaterra etc. etc. há uma florescente indústria de morte. Alguém está ganhando com as guerras e com as revoluções. Quanto pior, tanto melhor. Essa a tragédia da humanidade.

Enquanto os idealistas, como um Papa Paulo VI na esteira dos papas recentes, se bate por um mundo mais pacífico e apela constantemente para os chefes das grandes nações, parece que todo o esforço é inútil e só encontra ironia e frieza. A paz é possível em pequenas dosagens, creio, como sinal de Cristo libertador no mundo pecaminoso e como acusação grave contra o homem que sabe chegar a lua — conquista da técnica — mas não consegue realizar a paz — conquista da justiça e do amor.

1. ACOLHIDA

Encontra-se na praça um disco com estes dizeres: "Eu às vezes penso aonde esta estrada pode levar alguém; lá fora às vezes chove e é quase certo que eu vou querer voltar." — São palavras de quem hesita e não sabe se vai ou fica. O evangelho de hoje nos mostra alguém que não hesitou, pois sabia perfeitamente o rumo que ia tomar: Jesus, no começo da sua carreira. — Cada homem tem o seu estilo: o estilo de Cristo está manifesto na narrativa de hoje. Não ficou no deserto, esperando que o povo o procurasse: ele mesmo foi à procura dos homens nos lugares onde moravam e trabalhavam. — Não procurou formar grupos de "puros" ou "salvos": dirigiu-se a todos, sem distinção entre dignos e indignos. Não ameaçou nem condenou, mas abriu para todos a possibilidade de pertencer ao Reino de Deus. — Os "chamados" por ele sentiram-se chamados não apenas para salvar-se mas para salvar: o encontro com Cristo significava sempre uma inserção na pastoral do Reino.

2. ATO PENITENCIAL

Ser cristão hoje é como ser cristão no começo da igreja: ou somos apóstolos ou estamos por fora. Ou sentimos o nosso encontro com Cristo como necessidade inadiável de levar aos outros a "riqueza" recebida ou não estamos entendendo ainda que todo o mistério de Cristo aconteceu como exemplo e ordem de construção de um Reino. No início deste novo ano, é bom verificar como é que se realiza a nossa inserção na comunidade da igreja.

— Cristo não evitou o encontro com o outro, o diferente. Se nos relacionamos apenas com aqueles que sentem como nós, evitando o risco do encontro com aqueles que pensam de outra maneira ou vivem em outros ambientes, Senhor, tende piedade de nós.

— Cristo não distinguia entre "dignos" e "indignos". Se temos a tendência de nos fechar em grupos pequenos, sem abertura para a comunidade maior, Cristo, tende piedade de nós.

— Cristo era criativo, não imitava. Se evitamos tomar iniciativas ou ficamos sempre esperando pelos outros ou sabemos apenas repetir e imitar, Senhor, tende piedade de nós.

3. GLÓRIA A DEUS NAS ALTURAS

Glória a Deus nas Alturas e paz na terra aos homens por ele amados. / Senhor Deus, Rei dos céus, Deus Pai todo-poderoso. / Nós vos louvamos, / nós vos bendizemos, / nós vos adoramos, / nós vos glorificamos, / nós vos damos graças por vossa imensa glória. / Senhor Jesus Cristo Filho unigênito, / Senhor Deus, Cordeiro de Deus, Filho de Deus Pai. / Vós que tirais o pecado do mundo, tende piedade

PARA VOCÊ PARTICIPAR DA MISSA DOMINICAL

21 de janeiro de 1973

de de nós. / Vós que tirais o pecado do mundo, acolhei a nossa súplica. / Vós que estais à direita do Pai / tende piedade de nós. / Só Vós sois o Santo. / Só Vós o Senhor, / Só Vós o Altíssimo, Jesus Cristo, / com o Espírito Santo, na glória de Deus Pai. Amém.

4. ORAÇÃO

Senhor, nosso Deus, ouvimos hoje as palavras do apóstolo Paulo dizendo que as exterioridades deste mundo serão lançadas pelo tempo no passado; fazei que entendamos as pessoas, as situações e os acontecimentos à luz do mundo novo, instituído e inaugurado pela pessoa do vosso Filho Jesus Cristo.

5. I. LEITURA

Através de um homem veio a salvação de um povo: aquele homem aceitou o chamado de Deus e pôs-se à disposição da salvação do povo.

Jon 3, 1-5.10 — "A palavra de Deus foi dirigida a Jonas: "Levanta-te, vai a Ninive, a grande cidade, e anuncia-lhe o que eu vou te dizer". Jonas levantou-se e partiu para Ninive, obedecendo à palavra do Senhor. Ninive era uma cidade imensa: era preciso caminhar três dias para atravessá-la. Percorrendo a cidade no primeiro dia, Jonas clamava: "Dentro de quarenta dias, Ninive será destruída!" O povo de Ninive acreditou na palavra de Deus. Foi promulgado então um jejum para todos: do maior ao menor, todos vestiram-se de saco. Deus viu que eles faziam isso e se convertiam do seu mau caminho. O Senhor Deus teve então pena do povo e não executou o castigo que havia prometido". — Palavra do Senhor.

6. SALMO

Guiar-me, Senhor, e sede a minha salvação.

1. Mostrai-me, Senhor, vossos caminhos, / e vossas veredas indicai-me. / Guiar-me em vossa verdade e ensinaí-me: / sois o Deus de minha salvação.

2. Bom e reto é o Senhor, / pois conduz ao caminho os pecadores, dirige os humildes na justiça, / ensina aos humildes o seu caminho.

7. II. LEITURA

A vida é curta, o tempo é precioso, as coisas exteriores são passageiras: é preciso aproveitar bem o tempo.

1 Cor 7, 29-31 — "Irmãos, eu lhes digo: o tempo é breve: aqueles que estão casados sejam como se não estivessem; os que choram, como se não chorassem; os que se alegram, como se não alegrassem; os que compram, como se não possuíssem; os que usam deste mundo, como se não usassem. As exterioridades deste mundo são passageiras". — Palavra do Senhor.

8. ACLAMAÇÃO

Aleluia, aleluia, aleluia.

"Está próximo o Reino de Deus: crede na boa-nova".

9. III. LEITURA

Jesus chama os primeiros para trabalharem no seu Reino; eles entenderam o chamado como trabalho no Reino.

Mc 1, 14-20 — "Depois que João foi preso, Jesus voltou para a Galiléia e pregou a boa-nova de Deus: "Completo-se o tempo e está próximo o Reino de Deus! Mudem de mentalidade e creiam no evangelho!" — Passando pela praia do mar da Galiléia, Jesus viu Simão com seu irmão André lançando as redes ao mar, pois eram pescadores. Jesus os convidou: "Venham comigo e eu farei de vocês pescadores de homens". Eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram. Mais adiante, Jesus viu Tiago e João, filhos de Zebedeu, que estavam no barco consertando as redes e os chamou também. Deixando o barco com seu pai e outros pescadores, eles seguiram Jesus". — Palavra da salvação.

10. PROFISSÃO DE FÉ

Creio em Deus Pai, Todo Poderoso Criador do céu e da terra / e em Jesus Cristo, seu Filho único, nosso Senhor, / que foi concebido pelo poder do Espírito Santo. / Nasceu da virgem Maria, / morreu sob Pôncio Pilatos / foi crucificado, morto e sepultado / desceu à mansão dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia / subiu aos céus, está sentado à direita de Deus Pai todo-Poderoso / donde há de vir julgar os vivos e os mortos. / Creio no Espírito Santo, na santa Igreja Católica / na comunhão dos santos, na remissão dos pecados / na ressurreição da carne, na vida eterna. Amém.

11. ORAÇÃO DOS FIÉIS

"Ainda quarenta dias e Ninive será destruída". Ninive era uma das metrópoles da antiguidade. Lá morava um povo pagão que se converteu e foi salvo. A lição é esta: A palavra de Deus é universal, é para todos. Os apelos do Reino frequentemente são mais bem entendidos e executados por pessoas que estão fora da igreja. Rezemos hoje para que a nossa inserção na igreja seja uma vantagem para tornar o nosso trabalho pastoral ainda mais eficiente.

- Para que o mundo inteiro, com todas as suas filosofias, seus ambientes e costumes seja atingido pelos apelos de Jesus Cristo através de sua Igreja, rezemos ao Senhor.

- Para que a igreja católica consiga perder a sua mentalidade de gueto, reestruturando-se para estar apta a exercer a sua missão, rezemos ao Senhor.

- Para que o Espírito de Deus suscite em nosso meio aqueles que estejam habilitados a exercer a missão de apóstolo do Reino, rezemos ao Senhor.

- Para que a juventude moderna possa encontrar, na universalidade do apelo de Cristo, as suas aspirações católicas, rezemos ao Senhor.

- Para que a universalidade dos ape-

PARA A SUA REFLEXÃO:

los de Cristo se traduza, em nossa diocese, num grande esforço para fazer a igreja presente em todos os bairros, rezemos ao Senhor.

- Para que a universalidade dos apelos de Cristo faça com que, em nossa diocese, a pregação deixe de ficar concentrada em algumas matrizes e se expanda pelas casas e pelas inúmeras comunidades novas, rezemos ao Senhor.

(O celebrante ou leitor expresse as intenções particulares da comunidade.)

12. ORAÇÃO DAS OFERTAS

Senhor, nosso Deus, agora vos apresentamos o nosso sacrifício. O evangelho nos contou que os primeiros discípulos tiveram a oferecer uma completa disponibili-

dade ao chamamento do vosso Filho. Que nós, cristãos conscientes, tenhamos também, para oferecer, esta disponibilidade para a construção do vosso Reino em nosso ambiente.

13. ORAÇÃO FINAL

Senhor, chegou ao fim mais um encontro eucarístico, no qual foi servida a vossa palavra. Agora partimos para mais uma semana de nossa existência. A certeza de que as exterioridades do mundo são passageiras nos acompanhe, para que todos os nossos esforços sejam empregados não apenas para a sobrevivência material mas para acrescentar mais uma pedra na construção deste Reino, por causa do qual o vosso Filho se fez homem e veio habitar conosco.

NÓS ENCONTRAMOS O CHEFÃO!

A liturgia de hoje conta como Deus se encontrou com diversas pessoas e as consequências deste "encontro com Cristo": 1. A palavra de Deus foi dirigida a Jonas. Jonas não entrou em transe (ou numa transa) de gozo espiritual, mas teve que se mandar para o cumprimento de uma missão dolorosa: pregar os valores do Reino de Deus a uma grande cidade que vivia os valores da matéria. 2. Após o seu "encontro com Cristo", o apóstolo Paulo entrou em fase de inquietação definitiva e não parou mais: Saíu por aí afora, gemendo e chorando, num trabalho quase impossível pela "salvação" dos outros. Começou realmente a curtir uma transa com os valores definitivos que o Cristo lhe ajudou a descobrir. 3. Simão, André, Tiago e João têm também o seu "encontro com o Cristo", não entram numa de deleite mas partem definitivamente atrás das inspirações que o encontro despertou.

Em nossa diocese, algumas "técnicas" têm produzido o mais generoso resultado para ajudar no encontro do homem adulto com o verdadeiro sentido de sua vida através a descoberta da pessoa de Cristo: os cursilhos, as dinâmicas de grupo, as ultreias, os encontros jovens, os dias de reflexão, a preparação para os sacramentos.

A frase que se tornou lugar comum para expressar a excelência de tais "técnicas" é ouvida à saciedade, no fim daqueles dias: "Encontrei o Cristo". A afirmação é muito séria, principalmente se a gente olha o resultado deste "encontro" na mentalidade daquele que sabemos com certeza ter encontrado o Cristo: os profetas e apóstolos encontraram, aprenderam e se largaram para deixar gravada na história humana a sua impressão digital.

Eles encontraram, aprenderam e se foram: não ficaram formando grupo à parte, para manter o espírito encontrado. Se misturaram com o "mundo", para nele atuar como fermento. Misturar-se com o mundo, para eles, significou misturar-se com os sofrimentos do mundo, com os desencontros, os ódios, as violências, o egoísmo, o carrearismo, com toda a espécie de injustiça que faz deste mundo um reino que ainda não é de Deus. O "en-

contro com o Cristo" lhes deu mais trabalho e problema do que alegria. Levou-os a uma perspectiva de valores que ocasionou dupla espécie de consciência: consciência da exterioridade passageira das coisas materiais e consciência do supremo valor de deixar-se usar por Deus, para que o mundo seja melhor.

Antes do entendimento perfeito o "encontro com o Cristo" provocou triunfalismo: "Como é bom estarmos aqui reunidos! Façamos aqui a nossa casa! fiquemos com ele! Agora sim, encontrei o Chefão! Foram-se as minhas angústias! Agora posso gozar bem a minha segurança e o meu conforto, porque estou com o céu garantido!" Parece que não é para isso que se dá o encontro com Cristo. Numa região marcada pelo mal como a nossa, entender assim o encontro é partir para repetir o erro histórico da igreja como grupinho salvo e segregado: fermento guardado, fermento inútil. Em nossa área, o afamado "encontro" é ordem de ir mesmo, inclusive se misturar com as formas de igreja tradicional, estruturada e defasada. É preciso que o "encontro com o Chefão" nos leve a gravar também a nossa impressão digital, nesta tarefa imensa de encontrar novas formas de igreja que venham de encontro à profunda necessidade de libertação do nosso povo. Ou estamos brincando de sugestão coletiva.

A FOLHA

ANO I - 21 DE JANEIRO - 73 - N.º 33

EDITADA PELA

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU

Rua Mal. Floriano Peixoto, 2262

Telefone: 2609

NOVA IGUAÇU - RIO DE JANEIRO